

# Consumo dos afetos e subjetividades contemporâneas: diálogos entre *Amores Materialistas* e aplicativos de relacionamento

*Consumption of affects and contemporary subjectivities: dialogues  
between Materialists and dating apps*

*Consumo de los afectos y las subjetividades contemporâneas: diálogos  
entre Amores Materialistas y las aplicaciones de citas*

Vinícius Alves SARRALHEIRO<sup>1</sup>  
Claudinei Lopes JUNIOR<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo analisa as transformações das relações amorosas na contemporaneidade a partir do diálogo entre o filme *Amores Materialistas* (HBO Max, 2025) e as lógicas dos aplicativos de relacionamento. Partindo de uma discussão teórica, o estudo discute a racionalização dos afetos e a mercantilização do amor que predominam na contemporaneidade. Adota-se uma abordagem qualitativa, com base no Método de Análise de Imagens em Movimento. Como resultados, evidencia-se como *Amores Materialistas* encena criticamente a promessa de previsibilidade afetiva e seus limites, ao tensionar métrica, consumo e experiência; e que, apesar das tentativas de controle e otimização do amor, os afetos devem permanecer atravessados pela imprevisibilidade, pela vulnerabilidade e pela alteridade.

**Palavras-chave:** regimes de afetos; subjetividades; consumo; aplicativos de relacionamento; *Amores Materialistas*.

## Abstract

This article analyzes the transformations of romantic relationships in contemporary society through a dialogue between the film *Materialists* (HBO Max, 2025) and the

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). E-mail: [vinicius.sarralheiro@gmail.com](mailto:vinicius.sarralheiro@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9268-3173>.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). E-mail: [junior.lopes@usp.br](mailto:junior.lopes@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5091-9037>.



logics of dating apps. Based on a theoretical discussion, the study examines the rationalization of affects and the commodification of love that prevail in contemporary contexts. A qualitative approach is adopted, grounded in the Method of Moving Image Analysis. The results show how *Materialists* critically stages the promise of affective predictability and its limits, by tensioning metrics, consumption, and experience; and that, despite attempts to control and optimize love, affects remain permeated by unpredictability, vulnerability, and alterity.

**Keywords:** affective regimes; subjectivities; consumption; dating applications; *Materialists*.

## Resumen

Este artículo analiza las transformaciones de las relaciones amorosas en la contemporaneidad a partir del diálogo entre la película *Amores Materialistas* (HBO Max, 2025) y las lógicas de las aplicaciones de citas. A partir de una discusión teórica, el estudio examina la racionalización de los afectos y la mercantilización del amor que predominan en el contexto contemporáneo. Se adopta un enfoque cualitativo, basado en el Método de Análisis de Imágenes en Movimiento. Los resultados evidencian cómo *Amores Materialistas* escenifica de manera crítica la promesa de previsibilidad afectiva y sus límites, al tensionar métrica, consumo y experiencia; y que, a pesar de los intentos de control y optimización del amor, los afectos permanecen atravesados por la imprevisibilidad, la vulnerabilidad y la alteridad.

**Palabras clave:** regímenes afectivos; subjetividades; consumo; aplicaciones de citas; *Amores Materialistas*.

## Introdução

As relações amorosas na contemporaneidade atravessam um conjunto profundo de transformações que dizem respeito não apenas às formas de encontro, mas aos próprios modos de sentir, desejar e se vincular. Em um contexto marcado pela centralidade do consumo, da racionalização da vida cotidiana e da lógica do desempenho, o amor passa a ser progressivamente organizado segundo critérios de escolha, eficiência e compatibilidade. Afectos, que historicamente se inscreviam na esfera do imprevisto e da experiência, são cada vez mais mediados por dispositivos técnicos, discursos normativos e expectativas de otimização, produzindo vínculos mais frágeis, ansiosos e frequentemente orientados pela busca por validação e reconhecimento.

Como apontam autores como Bauman (2008), Illouz (2007, 2011) e Han (2017), o amor contemporâneo se aproxima das racionalidades do mercado: avalia-se o outro por sua utilidade simbólica, por sua capacidade de satisfazer expectativas individuais



e por seu potencial de agregar valor à própria vida. Nesse cenário, o vínculo amoroso tende a ser compreendido como escolha estratégica, investimento subjetivo e, muitas vezes, como transação bem-sucedida ou fracassada. O outro deixa de ser experimentado prioritariamente como alteridade e passa a ser percebido como recurso, complemento ou garantia de pertencimento e sentido.

Os aplicativos de relacionamento ocupam papel central nesse processo, pois, ao organizarem o encontro amoroso por meio de perfis, filtros, algoritmos de compatibilidade e métricas de engajamento, essas plataformas transformam o desejo em algo curável, mensurável e comparável (De Andrade, Silva, 2019; Sarralheiro, 2020). A promessa que sustenta o funcionamento desses apps é a de que o amor pode ser previsto, otimizado e controlado, reduzindo riscos e aumentando as chances de sucesso afetivo. No entanto, essa mediação técnica não apenas reorganiza as práticas de encontro, como também produz subjetividades amorosas específicas, interpelando os sujeitos a performarem versões desejáveis de si mesmos e a se responsabilizarem individualmente por seus êxitos e fracassos no campo afetivo (Pelúcio, 2016).

É nesse contexto que o cinema se apresenta como um espaço privilegiado de observação e reflexão crítica sobre os afetos contemporâneos. Mais do que representar a sociedade, o cinema participa ativamente da produção de imaginários, sensibilidades e modos de vida, articulando narrativas, imagens e atmosferas que condensam tensões sociais e afetivas (Gomes Barbosa, 2009). Ao mobilizar experiências sensíveis, obras cinematográficas permitem tornar visíveis contradições, impasses e desejos que atravessam o cotidiano, funcionando como dispositivos culturais capazes de problematizar aquilo que, muitas vezes, se encontra naturalizado.

O filme *Amores Materialistas* (HBO Max, 2025), dirigido por Celine Song, insere-se nesse debate ao construir uma narrativa centrada nas transformações do amor em uma sociedade orientada por valores materialistas. A trama acompanha Lucy (Dakota Johnson), uma casamenteira profissional que atua intermediando encontros entre clientes de alto poder aquisitivo, traduzindo desejos afetivos em critérios objetivos de compatibilidade. A personagem central, que acredita ter decifrado o amor em uma fórmula, de repente encara um impasse: ela encontra um “unicórnio”<sup>3</sup> alto,

---

<sup>3</sup> O termo “unicórnio” tem origem no campo do marketing e do empreendedorismo, sendo utilizado para designar startups raras, altamente valorizadas e consideradas excepcionais em um mercado competitivo, geralmente por atingirem avaliações bilionárias (Burström *et al.*, 2023). No filme, essa



moreno e bonito, Harry Castilho (Pedro Pascal) mas, na mesma noite, reencontra o ex-namorado falido John Pitts (Chris Evans) o que a faz ficar dividida entre o “par perfeito” e seu ex-imperfeito. É a partir dessa relação e nos dilemas apresentados pelos clientes de Lucy que a trama se desenvolve.

Desde suas cenas iniciais, *Amores Materialistas* estabelece uma reflexão crítica sobre a relação entre amor e materialidade, ao associar símbolos afetivos a valores sociais e econômicos. A narrativa se desenvolve a partir de encontros mediados, escolhas calculadas e promessas de felicidade sustentadas pela eficiência da seleção, aproximando-se de forma evidente das lógicas que estruturam os aplicativos de relacionamento. Ao longo do filme, são encenadas situações em que atributos como status, renda, aparência e redes sociais ocupam lugar central na definição do “parceiro ideal”, enquanto o afeto, a intimidade e a vulnerabilidade aparecem tensionados ou secundarizados.

Dessa forma, essa produção oferece um campo fértil para pensar as relações amorosas na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito ao viés materialista que atravessa tanto os vínculos afetivos quanto as formas de subjetivação. Ao colocar *Amores Materialistas* em diálogo com as dinâmicas dos aplicativos de relacionamento, este artigo propõe uma análise que busca compreender como consumo, tecnologia e afeto se articulam na produção de modos de amar, escolher e se relacionar no presente. A partir de uma abordagem qualitativa, calcada no Método de Análise de Imagens em Movimento (Rose, 2015), esse estudo investiga como *Amores Materialistas* representa, tensiona e critica a promessa contemporânea de eficiência amorosa, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre os desafios, os impasses e as possibilidades das relações afetivas em uma sociedade marcada pela racionalização dos sentimentos e pela mercantilização da vida emocional.

### **Afetos, consumo e subjetividade nas relações amorosas contemporâneas**

As formas de amar, sentir e se vincular nunca foram universais ou estáveis, mas historicamente situadas, atravessadas por regimes culturais, econômicos e

---

noção é transposta para o campo afetivo, representando o *bom partido* como um bem escasso e de alto valor simbólico, o que evidencia a assimilação das relações amorosas a lógicas mercadológicas de raridade, valorização e investimento, reforçando uma leitura materialista do amor.



tecnológicos específicos (Giddens, 1993; Pelúcio, 2016; Miskolci, 2017). As relações amorosas constituem, assim, um lócus atrativo para observar transformações mais amplas nos modos de subjetivação e de organização social, na medida em que articulam afetos, normas, expectativas e práticas cotidianas (Sarralheiro, 2020). Na contemporaneidade, essas relações passam por reconfigurações profundas, marcadas pela intensificação da mediação tecnológica, pela centralidade do consumo e pela valorização da autonomia individual. Os afetos, longe de se restringirem à esfera privada, tornam-se cada vez mais visíveis, calculáveis e governáveis, integrando circuitos econômicos, midiáticos e discursivos que orientam desejos, escolhas e formas de pertencimento (Bauman, 2008; Illouz, 2007, 2011).

É nesse cenário que, como aponta Bauman (2008), o amor passa a operar segundo racionalidades próximas àquelas dos bens de consumo: avaliado por sua utilidade imediata, por sua eficiência em gerar satisfação, por sua durabilidade contingente e por sua capacidade de responder às expectativas individuais. Nessa lógica, vínculos deixam de ser concebidos como compromissos duradouros e passam a ser entendidos como conexões provisórias, constantemente reavaliadas à luz de novas possibilidades. A promessa de felicidade, sempre renovada, sustenta um movimento contínuo de escolha, comparação e descarte, no qual o apego é percebido como risco e a instabilidade como condição normal da vida afetiva.

Essa leitura encontra ressonância e aprofundamento nas análises de Eva Illouz (2007, 2011), que investiga de maneira sistemática os modos pelos quais o capitalismo contemporâneo reorganiza a experiência amorosa a partir de uma racionalização dos afetos. Para a socióloga, o amor deixa de ser compreendido prioritariamente como acontecimento contingente, atravessado por acaso e imprevisibilidade, e passa a ser tratado como resultado de decisões informadas, compatibilidades mensuráveis e investimentos subjetivos calculados. O que está em jogo não é apenas a mercantilização das relações, mas a incorporação de lógicas econômicas às próprias formas de sentir e se narrar afetivamente. Nesse encadeamento, os sujeitos são interpelados a gerir suas emoções, avaliar riscos e maximizar retornos simbólicos e emocionais, apresentando-se como projetos afetivos bem-sucedidos em um mercado relacional marcado pela abundância de escolhas e pela concorrência permanente – dinâmica que se manifesta tanto nos discursos cotidianos sobre o amor quanto nos dispositivos técnicos que organizam os encontros na contemporaneidade.



Os aplicativos de relacionamento emergem como dispositivos privilegiados de organização e mediação da vida afetiva, materializando de forma concreta as lógicas de racionalização, cálculo e escolha. Plataformas como Tinder ou Bumble estruturam o encontro amoroso a partir de interfaces que privilegiam a visualidade, a rapidez e a comparabilidade. Perfis são construídos como vitrines afetivas, compostas por imagens estrategicamente selecionadas, descrições sucintas e marcadores identitários que tornam o sujeito legível, classificável e avaliável. O gesto de deslizar (*swipe*) – aceitar ou rejeitar – transforma o outro em objeto de decisão instantânea, inscrito em uma economia da atenção que estimula o consumo contínuo de possibilidades e a sensação de abundância permanente (Augusto Junior; Trindade, 2015; De Andrade, Silva, 2019; Sarralheiro, 2020).

Miskolci (2017) aponta os aplicativos de relacionamento como uma consequência das transformações sociais ocorridas principalmente após a chamada Revolução Sexual e que, por sua estrutura, potencializaram as redes relacionais entre os sujeitos. Além disso, tais alterações incidiram na forma como as pessoas constituem relações na modernidade, evidenciando valores como o individualismo, o estímulo às experimentações, as transformações e as flexibilizações nas chamadas relações duradouras e suas normas sociais, as concepções de lugares e espaços, entre outras, e, por consequência, evidenciando o caráter emocional e fluido com que os sujeitos se formam no mundo atual. O funcionamento desses apps se ancora em lógicas algorítmicas que prometem otimizar a experiência amorosa por meio da compatibilidade, da eficiência e da previsibilidade. *Likes*, *matches* e mensagens funcionam como micro recompensas afetivas que produzem ciclos de expectativa, excitação e frustração, mantendo os usuários engajados na plataforma. Nesse processo, o amor é progressivamente traduzido em dados, padrões e probabilidades (Vallareto Nery, 2025), reforçando a ideia de que relações bem-sucedidas seriam aquelas resultantes de escolhas corretas e estratégias eficazes de gestão de si (Pelúcio, 2016; Miskolci, 2017).

O uso intensificado de aplicativos móveis para relacionamentos nos coloca frente a uma das mais sensíveis transformações sociais do presente, incidindo sobre a forma como temos constituído novos horizontes aspiracionais relativos a desejos sexuais e afetivos marcadas por desafiantes negociações sexuais e de gênero, aprendizados tecnológicos (Pelúcio, 2016, p. 311).



Essa dinâmica intensifica aquilo que Illouz (2007) identifica como a responsabilização individual pelos sucessos e fracassos amorosos. Diante de um mercado relacional ampliado e aparentemente transparente, os sujeitos são levados a interpretar rejeições, silêncios e rupturas como falhas pessoais de apresentação, comunicação ou compatibilidade. A subjetividade amorosa torna-se, assim, um projeto em permanente curadoria, no qual ajustes constantes são feitos na tentativa de aumentar a atratividade e o desempenho afetivo. Ao invés de diminuir a ansiedade, a multiplicação das escolhas tende a produzir insegurança, indecisão e uma sensação persistente de insuficiência, efeitos que se articulam diretamente à lógica competitiva das plataformas.

É nesse mesmo regime afetivo que se insere o filme *Amores Materialistas*, cuja narrativa pode ser compreendida como uma representação crítica das formas contemporâneas de amar sob a égide do consumo, da performance e da racionalização. Ao acompanhar personagens que transitam entre encontros marcados pela expectativa, pela frustração e pela constante avaliação do outro, o filme evidencia como o amor se encontra imbricado por critérios de valor, adequação e eficiência emocional. As relações retratadas são frequentemente mediadas por imagens idealizadas, discursos de autossuficiência e pela dificuldade de sustentar vínculos diante do conflito ou da diferença, elementos que ecoam diretamente as dinâmicas observadas nos aplicativos de relacionamento.

Na diegese da obra cinematográfica em análise, assim como nas plataformas digitais, o encontro amoroso é tensionado por expectativas previamente configuradas, que antecedem a própria experiência do contato com o outro. O desejo aparece menos como abertura ao imprevisível e mais como tentativa de confirmação de um ideal afetivo já dado. Essa antecipação constante do que o outro deve ser ou oferecer contribui para o esvaziamento da alteridade, aproximando-se daquilo que Byung-Chul Han (2017) descreve como a agonia do eros. Nessa esteira de pensamento, é possível dizer que a lógica contemporânea da positividade, da transparência e do desempenho elimina a negatividade constitutiva do amor, transformando o outro em espelho narcísico ou objeto de consumo emocional.

Han (2017) argumenta ainda que o eros só se realiza plenamente na experiência da alteridade, isto é, na exposição ao que escapa, resiste e desestabiliza o sujeito. No entanto, tanto nos aplicativos quanto em *Amores Materialistas*, observa-se uma



tendência à neutralização dessa alteridade em favor da compatibilidade total, da comunicação sem ruídos e da satisfação imediata. O risco, o conflito e o estranhamento, elementos fundamentais da experiência amorosa, são percebidos como falhas a serem evitadas, e não como potências de transformação. O resultado é um empobrecimento da experiência do encontro, que se converte em confirmação, e não em abertura ao outro.

Para compreender como essas dinâmicas operam para além do nível discursivo ou psicológico, torna-se fundamental mobilizar uma concepção ampliada de afeto. Inspirado na lógica rizomática de Deleuze e Guattari (1996) e em uma interpretação de afeto como categoria distinta de emoção de Massumi (1995), entendemos o afeto como intensidade pré-pessoal e transindividual, que circula entre corpos, imagens, discursos e dispositivos técnicos. Ou seja, os afetos não pertencem exclusivamente aos indivíduos, mas emergem dos encontros e das relações, modulando potências de agir, sentir e desejar. Nesse sentido, aplicativos, filmes, interfaces e narrativas não apenas representam afetos, mas participam ativamente de sua produção e circulação.

No contexto das sociedades de controle, conforme descritas por Deleuze (1992), essas intensidades afetivas tornam-se alvos de captura e modulação contínua. Diferentemente dos modelos disciplinares, o controle opera de maneira difusa e permanente, orientando comportamentos e desejos por meio de estímulos sutis, *feedbacks* constantes e sistemas de recompensa. As plataformas digitais, assim como as indústrias culturais, desempenham papel central nesse processo ao produzir atmosferas afetivas que prometem felicidade, pertencimento e realização, ao mesmo tempo em que mantêm os sujeitos engajados em circuitos de consumo e autoavaliação incessantes (Gomes Barbosa, 2009).

Em convergência as contribuições de Sara Ahmed (2004) e Suely Rolnik (2016) permitem compreender como afetos e emoções operam como forças orientadoras da vida social, indicando aquilo que deve ser buscado, desejado ou evitado. A felicidade, a segurança e a compatibilidade, frequentemente mobilizadas nos discursos amorosos contemporâneos, adquirem um caráter normativo, funcionando como afetos que organizam expectativas e legitimam escolhas. Tanto nos apps quanto na narrativa de *Amores Materialistas*, esses afetos aparecem como promessas que estruturam trajetórias afetivas, ao mesmo tempo em que produzem frustrações recorrentes diante da impossibilidade de corresponder plenamente a tais ideais. O amor, nessa



conjuntura, tende a ser avaliado a partir de parâmetros de desempenho e de adequação, o que contribui para o empobrecimento da experiência do encontro enquanto espaço de diferença e transformação.

Dessa forma, as relações amorosas na contemporaneidade configuram-se como um campo atravessado por tensões persistentes entre racionalização e excesso, previsibilidade e imprevisibilidade, autonomia e controle. Se, por um lado, dispositivos técnicos e narrativas culturais oferecem ferramentas para ampliar encontros, escolhas e possibilidades de conexão, por outro, intensificam processos de gestão afetiva, autoavaliação e responsabilização individual. Portanto, o desafio que se coloca às experiências amorosas contemporâneas não reside apenas na mediação tecnológica ou na lógica de mercado em si, mas na dificuldade de sustentar vínculos em um enquadramento que privilegia a otimização, a substitutibilidade e a neutralização da alteridade. Entre promessas de felicidade, métricas de compatibilidade e imagens idealizadas do amor, permanece em aberto a questão de como preservar a potência do encontro com o outro enquanto diferença – questão que atravessa tanto as práticas cotidianas mediadas por plataformas quanto as representações cinematográficas analisadas neste trabalho.

## Metodologia

Enxergamos *Amores Materialistas* não como simples ilustração de conceitos teóricos, mas como um artefato cultural que participa ativamente da construção de imaginários sobre o amor na contemporaneidade. O cinema, ao articular imagem, som, narrativa, corpo e temporalidade, produz regimes de visibilidade que permitem observar, de forma condensada, as tensões entre escolha, consumo, desejo e experiência. Nesse sentido, tomamos como objeto o filme *Amores Materialistas* para analisar como as lógicas dos aplicativos de relacionamento e da racionalização afetiva são incorporadas, naturalizadas ou criticadas em um plano narrativo e estético.

Para a análise, adotamos o Método de Análise de Imagens em Movimento proposto por Diana Rose (2015), que enfatiza a necessidade de considerar simultaneamente os aspectos formais da imagem, os discursos que a atravessam e os contextos socioculturais nos quais ela se insere. Vale ressaltar aqui que tal proposta metodológica já foi aplicada em estudos anteriores (Lopes Silva, 2010; Lopes Junior,



2023) que analisam outros produtos audiovisuais, tais como séries de TV, e já se mostrou como uma abordagem muito enriquecedora por permitir compreender as imagens em movimento como práticas culturais ativas, que não apenas representam a realidade social, mas contribuem para a produção de sentidos.

Nosso *corpus* é composto por cenas selecionadas do filme *Amores Materialistas*, escolhidas a partir de sua relevância temática e de sua potência analítica em relação às questões discutidas no artigo e aos contextos socioculturais presentes na narrativa.

De modo geral, não obedecendo a uma exaustividade, privilegiaram-se para a seleção: (a) cenas em que as personagens explicitam critérios objetivos para definir parceiros ideais, aproximando-se da lógica de filtros e perfis dos aplicativos de relacionamento; (b) cenas que evidenciam a atuação das personagens como mediadoras algorítmicas das relações, traduzindo desejos em compatibilidades; (c) cenas em que há hibridizações da relação afetiva com o consumo e o capitalismo, e (d) cenas que tensionam essa racionalidade ao expor conflitos, frustrações e afetos que escapam à métrica.

Nesse sentido, na categorização das cenas, explicitam-se os aspectos dialógicos entre os regimes de afeto e as lógicas de aplicativos, a racionalização das escolhas amorosas em busca de um ideal, a promessa de previsibilidade afetiva e a necessidade de quebra do paradigma racionalizante que impera relações afetivas contemporâneas. A etapa de transcrição no artigo consiste na apresentação descritiva, visual e crítica de aproximação das cenas selecionadas com a discussão teórica realizada anteriormente. Em nossa adequação do método de Rose (2015), a etapa de tabulação foi suprimida por conta de nosso enfoque ser qualitativo apesar de nosso objeto possibilitar quantificações ou padronizações. Diante disso, procuramos sustentar uma leitura que reconhece *Amores Materialistas* como agente ativo na produção de sentidos sobre o amor, permitindo refletir sobre as formas pelas quais consumo, tecnologia e subjetividade se articulam na experiência amorosa atual.

### **Aproximações entre *Amores Materialistas*, aplicativos de relacionamento e regimes afetivos contemporâneos**



As aproximações entre *Amores Materialistas* e os aplicativos de relacionamento tornam-se mais evidentes quando observadas à luz das transformações contemporâneas dos afetos e das relações amorosas discutidas anteriormente. Sendo assim, o amor passa a ser progressivamente atravessado por lógicas de racionalização, cálculo e escolha otimizada, nas quais a mediação técnica assume papel central. No filme, há cenas que se inscrevem nesse regime afetivo ao construir uma narrativa em que o encontro amoroso é sistematicamente intermediado por dispositivos, discursos e especialistas que prometem reduzir a incerteza e maximizar a compatibilidade.

Nesse sentido, Lucy, personagem interpretada por Dakota Johnson, que atua como casamenteira profissional, pode ser compreendida como uma personificação narrativa da lógica algorítmica dos apps. Assim como os algoritmos, sua função consiste em coletar informações, estabelecer critérios, classificar perfis e propor combinações consideradas ideais. Essa mediação desloca o amor do campo do acaso e da imprevisibilidade para o da gestão racional dos afetos, reforçando o que Illouz (2011) identifica como a incorporação de lógicas econômicas às formas de sentir e de vincular-se. A casamenteira não apenas facilita encontros, mas produz normatividades sobre o que deve ser desejado, valorizado ou evitado no campo amoroso.

A abertura de *Amores Materialistas*, ambientada na pré-história, introduz de forma simbólica a articulação entre afeto e materialidade que atravessa toda a narrativa. A cena, em que uma espécie anterior a *Homo sapiens* coloca uma flor no dedo da mulher, fazendo alusão a uma aliança, antecipa a ideia de que o amor se expressa e se legitima por meio de objetos materiais e signos socialmente reconhecíveis (figura 1). Esse gesto pode ser lido à luz das reflexões de Ahmed (2004) e Rolnik (2016), para quem os afetos orientam os sujeitos no mundo ao se ancorarem em objetos, práticas e narrativas que condensam promessas de felicidade, segurança e pertencimento. A aliança, ainda que rudimentar, funciona como um objeto afetivo que organiza expectativas e atribui valor à relação.

**Figura 1:** Cena de abertura de *Amores Materialistas*

**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.

No entanto, ao deslocar esse símbolo para o contexto contemporâneo, evidencia-se uma intensificação do materialismo afetivo, no qual o amor passa a ser cada vez mais mediado por critérios de valor, escassez e desempenho. O contraste entre o gesto simples da flor e os sofisticados mecanismos de seleção amorosa do presente sugere uma transformação nos regimes de afeto, nos quais a materialidade do vínculo deixa de operar apenas como símbolo e passa a integrar circuitos de cálculo, investimento e comparação.

Tal deslocamento dialoga com o diagnóstico de Bauman (2008) sobre a fragilidade dos vínculos e com a análise de Illouz (2007, 2011) sobre a racionalização das emoções e é retomado na primeira aparição da protagonista já no tempo presente, quando ela oferece seus serviços de casamenteira a um homem com quem flerta na rua. A fala inaugural da personagem já posiciona o amor como problema passível de solução técnica, reforçando a promessa de eficiência e de previsibilidade que estrutura tanto o trabalho da casamenteira quanto o funcionamento dos aplicativos de relacionamento (figura 2). Conforme observado por Han (2017), a busca contemporânea por transparência, compatibilidade total e eliminação do risco tende a esvaziar a experiência do encontro enquanto abertura ao outro, substituindo-a por processos de seleção orientados ao desempenho e à autoafirmação.



**Figura 2:** Lucy oferece serviços de casamenteira a um homem na rua



**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.

Ao apresentar o serviço de mediação amorosa como resposta imediata à incerteza do flerte, *Amores Materialistas* ecoa a lógica das plataformas digitais, que se oferecem como soluções para o desconforto, o fracasso e a ambiguidade das relações. Trata-se de um regime afetivo no qual, conforme sugere Deleuze (1992), os desejos e comportamentos são modulados por dispositivos contínuos de orientação e de controle, que operam não pela imposição, mas pela promessa de escolha e autonomia. O amor, desse modo, é conduzido por circuitos de mediação que organizam afetos, expectativas e frustrações de maneira previsível.

Ao longo do filme, essa lógica de mediação técnica do amor não se restringe à função narrativa da casamenteira, mas atravessa explicitamente o próprio vocabulário mobilizado pelos personagens que interagem com ela. Expressões como “*match*”, “deslizar para a direita”, “filtros” e “escolha de parceiros” surgem reiteradamente nos diálogos, transpondo de forma direta a gramática dos aplicativos de relacionamento para o universo diegético do filme. Essa incorporação discursiva não opera apenas como recurso de contemporaneidade ou humor, mas evidencia o grau de naturalização dessas lógicas na experiência cotidiana do amor. O serviço prestado pela personagem passa, assim, a funcionar como uma extensão simbólica das plataformas digitais, reproduzindo seus princípios de seleção, exclusão e otimização, ainda que mediado por uma figura humana.

Desse modo, *Amores Materialistas* não apenas tematiza os apps, mas encena suas lógicas operacionais no interior da própria narrativa, transformando a casamenteira em um dispositivo híbrido, ao mesmo tempo humano e algorítmico. Ao



articular cálculo, materialidade, linguagem técnica e promessa de compatibilidade, o filme constrói uma representação crítica dos regimes afetivos contemporâneos.

### O “unicórnio”: a construção do parceiro ideal

A figura do “unicórnio”, apresentada em *Amores Materialistas* como metáfora do parceiro ideal, sintetiza de forma emblemática as relações amorosas contemporâneas. Longe de representar apenas uma idealização romântica extrema, o “bom partido” é construído a partir de um conjunto de atributos objetiváveis e hierarquizáveis, que incluem não apenas características físicas e traços de personalidade, mas sobretudo elementos ligados ao status social, à estabilidade financeira, à carreira e às redes de sociabilidade. Trata-se, portanto, de uma idealização profundamente materialista do amor, na qual o valor do outro é medido por sua capacidade de agregar capital simbólico, social e econômico à relação.

Essa dinâmica se aproxima diretamente do funcionamento dos aplicativos de relacionamento, nos quais a experiência amorosa é mediada pela construção de perfis que operam como vitrines de si. Nos apps, o desejo é organizado a partir da visibilidade seletiva de atributos considerados relevantes – profissão, renda presumida, estilo de vida, hábitos de consumo, círculos sociais – que passam a funcionar como indicadores de valor (Augusto Junior; Trindade, 2015). O “*match*” não se dá apenas por afinidade afetiva, mas por uma convergência de capitais que promete compatibilidade e segurança. Em *Amores Materialistas*, essa racionalidade é representada nas cenas em que os clientes da protagonista elencam, de maneira minuciosa, as características que consideram indispensáveis em um parceiro, revelando uma compreensão do amor como escolha estratégica e otimizada. Inclusive, a escolha do enquadramento dessas cenas em que as personagens relatam características condicionantes e imprescindíveis para o *match* com os possíveis pretendentes rememora o padrão de apresentação de perfis nos apps de relacionamento em forma e conteúdo (figura 3).



**Figura 3:** Clientes de Lucy relatam as características ideais em parceiras





**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.

Essa valoração se estende também ao próprio corpo, tratado como capital passível de investimento e correção. Em determinado momento de *Amores Materialistas*, surge a informação de que homens estão dispostos a se submeter a uma cirurgia – quebrar as próprias pernas para ganhar alguns centímetros de altura – por entenderem que a altura é um atributo que amplia significativamente suas chances no mercado amoroso. Apresentada como um critério recorrente e altamente valorizado, especialmente por mulheres clientes da casamenteira, a altura se transforma em um diferencial competitivo. O corpo masculino, assim, é literal e simbolicamente moldado para atender às exigências de um sistema que hierarquiza sujeitos a partir de métricas objetivas, aproximando ainda mais o campo do afeto das lógicas de otimização e desempenho típicas do consumo.

No disputado mercado dos afetos on-line somos incitadxs<sup>4</sup> a constituir um ‘eu virtual’ competitivo, o que implica em saber se diferenciar a partir da criatividade textual e de certa convencionalidade corporal, a fim de obter um número maior de admiradorxs e, assim, lograr nossos intuitos difusos (Pelúcio, 2016, p. 313).

<sup>4</sup> A autora utiliza os “x” no lugar das vogais “a” fim de borrar os binarismos e ampliar o leque das experiências relativas às vivências generificadas” (Pelúcio, 2016, p. 313).



A atuação da casamenteira reforça ainda mais essa dinâmica ao traduzir desejos afetivos em critérios técnicos, transformando expectativas subjetivas em parâmetros de seleção. Assim como nos aplicativos, o parceiro ideal não emerge do encontro contingente, mas de uma combinação considerada eficiente de atributos previamente definidos. O “unicórnio” torna-se, nesse sentido, uma figura rara não apenas por ser excepcional, mas porque resulta de uma lógica de escassez produzida pelo próprio sistema de valoração: quanto mais exigentes e objetivados os critérios, menor o número de sujeitos capazes de atendê-los plenamente.

Essa racionalização do amor como transação simbólica aparece de maneira particularmente evidente na cena em que Lucy comparece ao casamento de sua nona cliente. Às vésperas da cerimônia, a noiva revela profundas dúvidas em relação à união, confessando que não se casa por amor romântico, mas porque o noivo a faz sentir que possui valor o qual se manifesta tanto no reconhecimento social quanto na inveja despertada na irmã. O casamento, nessa cena, é apresentado como um dispositivo de validação subjetiva: ao ser escolhida por aquele homem, a noiva sente-se legitimada, desejável e socialmente bem-sucedida (figura 4 e figura 5).

**Figura 4:** Nona cliente de Lucy desabafa sobre a insegurança no dia do casamento

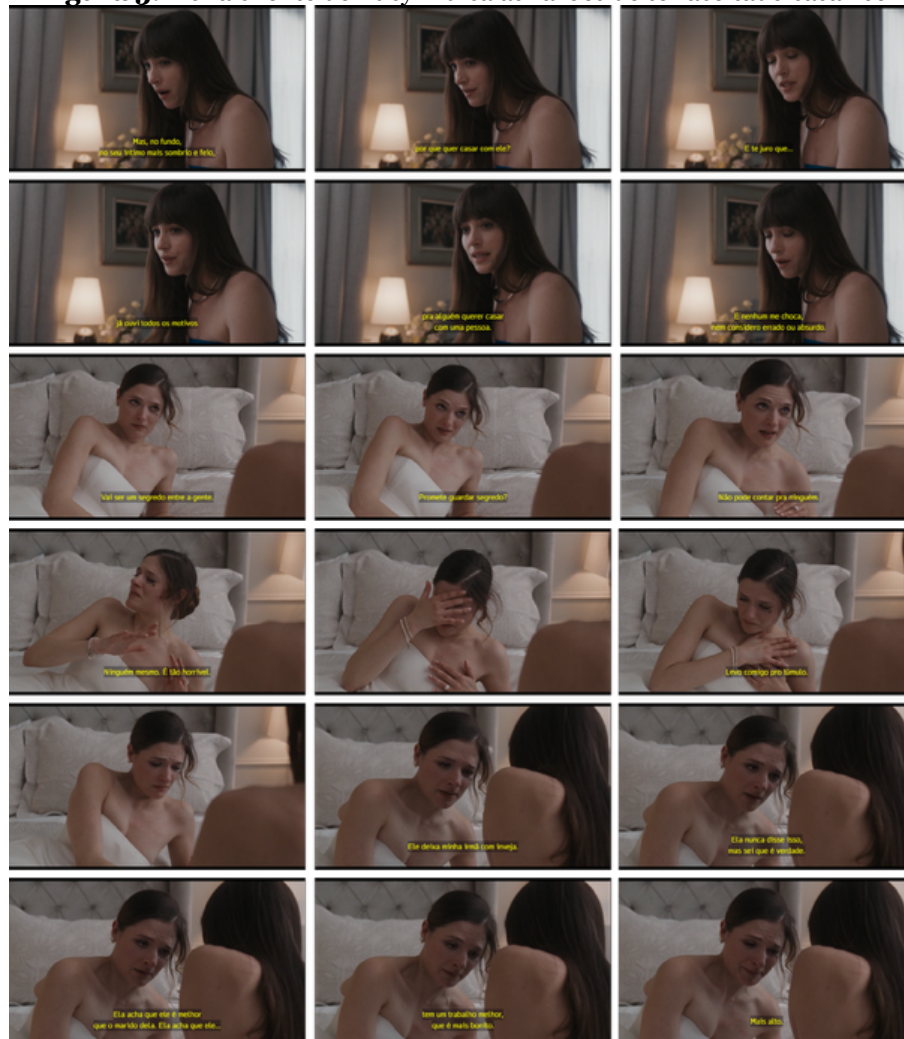


**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.



O momento é decisivo porque explicita o caráter transacional do vínculo amoroso, mesmo quando seus ganhos são imateriais. Ao refletir sobre suas motivações, a noiva conclui que, apesar das incertezas emocionais, o casamento representa uma “boa transação”, pois entrega aquilo que ela busca: reconhecimento, status e a sensação de valor pessoal. O amor não é negado, mas deslocado para um plano secundário, subordinado a uma lógica de troca simbólica que aproxima o vínculo afetivo de um contrato implícito (Illouz, 2011). O casamento, nesse enquadramento, não é apenas uma instituição afetiva, mas um marcador de sucesso e pertencimento. O “unicórnio”, portanto, não representa apenas um ideal amoroso inatingível, mas a cristalização de um modelo relacional no qual o outro é desejado na medida em que confirma o valor do sujeito.

**Figura 5:** Nona cliente de Lucy indica as razões de ter aceitado casar-se





**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.

### Algoritmo, previsibilidade e afetos

Nos aplicativos de relacionamento, o algoritmo ocupa um papel central na organização da experiência amorosa contemporânea. Mais do que uma ferramenta técnica neutra, ele atua como mediador afetivo ao estruturar possibilidades de encontro a partir de critérios de compatibilidade, padrões de comportamento e histórico de interações (Vallareto Nery, 2025). A promessa subjacente a esse modelo é a de que o amor pode ser metrificado: ao reduzir a incerteza, aumentar a previsibilidade e filtrar riscos, os algoritmos oferecem a expectativa de escolhas mais eficientes e, em última instância, de relações mais bem-sucedidas.

Essa racionalidade algorítmica se ancora na ideia de que o afeto pode ser antecipado e gerenciado por meio de dados. Preferências, gostos e padrões de consumo são convertidos em informações quantificáveis que permitem calcular compatibilidades e hierarquizar perfis. O encontro amoroso, tradicionalmente marcado pela contingência e pelo acaso, é reconfigurado como resultado de um processo técnico de correlação e ajuste. Logo, o amor é compreendido como decisão informada e investimento calculado cujo risco afetivo deve ser minimizado (Illouz, 2007, 2011).



Ao orientar quem aparece, em que ordem e sob quais condições, as plataformas modulam expectativas, ritmos emocionais e padrões de desejo. *Likes*, *matches* e silêncios tornam-se sinais reguladores que produzem ciclos de excitação, validação e frustração, mantendo os usuários engajados enquanto ajustam continuamente seus comportamentos. Como sugere Deleuze (1992), trata-se de um regime de controle contínuo, no qual a modulação substitui a norma fixa, e o poder opera por meio de ajustes finos e permanentes das condutas.

*Amores Materialistas* encena esse sistema ao apresentar um universo em que a promessa de eficiência amorosa atravessa tanto os discursos quanto as práticas das personagens. O serviço de casamenteira da protagonista funciona como uma espécie de algoritmo humanizado, que organiza encontros com base em probabilidades de sucesso e alinhamento de expectativas. Ainda assim, a obra cinematográfica não endossa plenamente essa racionalidade; ao contrário, expõe suas fissuras. À medida que a narrativa avança, torna-se evidente que a compatibilidade calculada não garante a experiência afetiva prometida, e que o excesso de previsibilidade pode esvaziar o encontro de intensidade e surpresa. É justamente nesse ponto que o filme introduz uma ruptura decisiva na lógica da eficiência amorosa, ao evidenciar aquilo que escapa radicalmente a qualquer modelo de previsão.

O momento de virada significativo ocorre quando Sophie (Zoe Winters), uma das clientes da protagonista, relata ter sido agredida durante um encontro. A cena desloca abruptamente o debate do campo da compatibilidade para o da vulnerabilidade, expondo os limites éticos e afetivos da mediação algorítmica. Trata-se de um acontecimento que não pode ser antecipado por filtros, métricas ou cruzamentos de dados, pois só se manifesta na materialidade do encontro e na convivência concreta entre corpos. O episódio evidencia que, apesar da promessa de segurança e controle, o risco permanece inerente à experiência amorosa, reafirmando a impossibilidade de reduzir o afeto a uma equação de probabilidades (figura 6).



**Figura 6:** Chefe de Lucy afirma que Sophie sofreu assédio no encontro marcado pela protagonista



**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.



Ao revelar uma violência que emerge justamente no momento em que a relação deixa o plano da mediação e se concretiza no encontro, o filme sugere que há dimensões do afeto, como o cuidado, o perigo e a exposição, que só se tornam visíveis na experiência vivida. Nesse sentido, a cena dialoga com as críticas de Han (2017) à ilusão de transparência e controle nas relações contemporâneas, ao demonstrar que a tentativa de eliminar o risco não apenas falha, mas pode obscurecer desigualdades e violências estruturais.

Essa tensão entre cálculo e experiência atravessa também a trajetória da própria protagonista. Lucy, que domina a lógica da otimização afetiva e a aplica profissionalmente, passa a reproduzi-la em sua vida pessoal ao iniciar um relacionamento com Harry. Rico, bem-sucedido e socialmente irrepreensível, Harry reúne todos os atributos que, segundo seus próprios critérios, definiriam um parceiro ideal. A relação, no entanto, permanece marcada por uma certa frieza afetiva, sustentada mais pela adequação do perfil do que por uma intimidade efetiva. Em contraste, o retorno de John, um ex-namorado do passado, reintroduz na narrativa uma dimensão afetiva que escapa à lógica algorítmica. Embora a relação com John seja perpassada por conflitos e instabilidades, é a ele que Lucy recorre nos momentos de fragilidade, dúvida ou sofrimento. Com John, há proximidade, escuta e partilha; com Harry, há correção, segurança e previsibilidade. Essa oposição não se constrói como uma simples escolha entre razão e emoção, mas como um embate entre duas formas de se relacionar: uma orientada pela eficiência e outra pela experiência.

Ao colocar a protagonista diante desse impasse, *Amores Materialistas* explicita o paradoxo central da promessa algorítmica: aquilo que parece ideal no plano dos critérios nem sempre sustenta o vínculo no plano dos afetos. Com isso, a relação entre as três protagonistas, Lucy, John e Harry, parece elucidar as histórias paralelas; e nesse caso, a película passa a reforçar sua crítica à ideia de que o amor pode ser plenamente administrado por mecanismos de controle e compatibilidade, mostrando que a intimidade se constrói menos pela adequação aos parâmetros do sistema e mais pela capacidade de estar presente, exposto e implicado no encontro com o outro.



## **Amor, consumo e linhas de fuga**

*Amores Materialistas* não se limita a diagnosticar os impasses das relações amorosas contemporâneas, mas também sugere a existência de frestas por onde outras formas de sentir e de vincular-se podem emergir. Nesse sentido, o filme pode ser lido à luz das reflexões de Félix Guattari (1992, 1993) sobre a ecosofia, entendida como uma articulação entre três registros inseparáveis: o mental, o social e o ambiental. Para o filósofo, as formas de subjetivação produzidas pelo capitalismo contemporâneo capturam desejos, afetos e modos de vida, mas nunca de maneira total, deixando sempre espaço para processos de reinvenção e de resistência.

Na diegese do filme, as relações amorosas são cruzadas por uma lógica profundamente materialista que não se restringe aos aplicativos de relacionamento (apesar de também estarem presentes neles), mas estrutura as interações sociais como um todo. As personagens buscam constantemente preencher vazios existenciais por meio do outro, entendido menos como alteridade e mais como complemento funcional de suas próprias faltas. Ter um parceiro, um cônjuge ou alguém a quem recorrer em momentos de fragilidade aparece como condição para a própria existência social: é preciso alguém para validar escolhas, conferir status, garantir pertencimento e, em última instância, assegurar que a vida faça sentido. O discurso do romance opera, assim, como promessa de completude, ensinando que o valor do sujeito não reside no que ele é, mas no que ele possui — inclusive no plano afetivo.

Essa dinâmica se articula diretamente com a lógica do consumo, na qual o amor é apresentado como algo a ser adquirido, gerido e mantido, sob pena de fracasso individual. O outro passa a ocupar o lugar de um recurso simbólico capaz de sanar carências e legitimar identidades, produzindo relações marcadas por expectativas utilitárias e performativas. Tal cenário evidencia aquilo que Guattari (1993) identifica como uma crise ecosófica, na qual os modos de relação consigo, com os outros e com o mundo são empobrecidos pela redução da experiência a valores de troca e eficiência.

É nesse cenário que o filme explicita, de forma particularmente incisiva, a rarefação do romance na experiência amorosa contemporânea. *Amores Materialistas* não trata de um excesso de amor, mas de sua progressiva substituição por relações mecânicas e guiadas por roteiros sociais que comprimem o tempo do encontro e



fragilizam a construção da intimidade. A inserção no pensamento de bell hooks (2021) permite aprofundar essa crítica ao deslocar o amor do registro da idealização para o campo da prática. Para a teórica feminista, o amor não é um sentimento espontâneo nem um resultado garantido da escolha correta, mas um exercício ético que exige tempo, dedicação, cuidado, compromisso e responsabilidade mútua. Nesse sentido, o esvaziamento do romance apresentado no filme pode ser compreendido como efeito direto de uma cultura que valoriza a eficiência, a performance e a otimização contínua, tornando cada vez mais difícil sustentar vínculos baseados na vulnerabilidade e na construção compartilhada. Ao recolocar o amor como processo (e não como conquista ou atributo), hooks (2021) tensiona frontalmente a lógica materialista e tecnicista que atravessa as relações retratadas em *Amores Materialistas*, evidenciando a incompatibilidade entre amar e viver permanentemente orientado pela lógica do desempenho.

A crítica do filme aponta justamente para essa dimensão irreduzível do afeto. Não há algoritmo capaz de prever ou garantir uma relação amorosa porque o amor se faz na duração, na convivência e na disposição para atravessar conflitos e incertezas. Do mesmo modo, não é possível sustentar vínculos afetivos enquanto os sujeitos permanecem presos à necessidade de performar versões idealizadas de si mesmos para agradar, corresponder e ser escolhidos. A tentativa de controlar o amor por meio de critérios e de previsões termina por neutralizar aquilo que lhe é constitutivo: a exposição ao outro e a abertura ao imprevisível.

Ainda assim, não encerramos em um diagnóstico pessimista. Ao evidenciar os limites da captura dos afetos pelos dispositivos de consumo e pelas racionalidades algorítmicas, *Amores Materialistas* aponta para linhas de fuga possíveis. Os afetos, entendidos não como emoções privatizadas, mas como intensidades que circulam entre corpos, tempos e relações, mantêm uma potência estética e política que resiste à completa instrumentalização. A exemplo disso, há a cena em que John faz uma proposta para Lucy a fim de que ambos mantenham um relacionamento amoroso pode ser indicada como uma quebra de paradigma. Isso, porque com essa proposta só há ganhos afetivos em detrimento de benefícios materiais (figura 7). São nesses momentos de falha do sistema – ou seja, no desconforto, na dúvida, na intimidade não planejada – que emerge a possibilidade de reinvenção dos vínculos.



**Figura 7:** John se declara e faz uma proposta para que Lucy e ele fiquem juntos



**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.

Desse modo, *Amores Materialistas* sugere que resistir à lógica materialista do amor não implica negar o desejo de vínculo, mas reconfigurá-lo para além da promessa de completude e do consumo do outro como solução. Amar, nesse horizonte, torna-se um gesto de desaceleração e implicação, um exercício de presença que desafia a lógica



mecanicista da eficiência e recoloca o afeto como potência do sentir, e não apenas como recurso a ser capturado (Bauman, 2008; hooks, 2021). É nessa tensão entre captura e excesso que se desenham, ainda que de forma frágil e incerta, outros modos possíveis de amar na contemporaneidade como sugere a cena final em que Lucy opta por experimentar um novo formato de afeto amoroso com seu antigo parceiro lembrando a cena inicial do filme (figura 8). E a partir daí, para as protagonistas, novas possibilidades de enxergar e sentir o mundo e com o mundo podem ser vivenciadas.

**Figura 8:** Cena final de *Amores Materialistas*



**Fonte:** Captura de tela realizada pela autoria na plataforma HBO Max, 2026.

## Considerações Finais

As transformações recentes nas formas de amar e de relacionar-se colocam em evidência um cenário no qual os afetos são cada vez mais atravessados por lógicas de consumo, racionalização e desempenho. A partir da comparação entre os aplicativos de relacionamento e o filme *Amores Materialistas* (2025), buscou-se compreender como essas dinâmicas atravessam tanto as práticas cotidianas de encontro quanto suas representações culturais. Ao colocar esses dois dispositivos em diálogo, foi possível observar não apenas semelhanças estruturais, mas também tensões e deslocamentos que ajudam a iluminar os modos pelos quais o amor é organizado, prometido e vivido na contemporaneidade.

Os apps operam como tecnologias centrais dessa problemática ao converter o encontro amoroso em um processo de escolha otimizada, sustentado por filtros, métricas de compatibilidade e promessas de previsibilidade. Essa falta de organicidade não apenas reconfigura as práticas de encontro, mas produz subjetividades amorosas orientadas pelo desempenho, pela autoapresentação estratégica e pela constante



avaliação de si e do outro. O amor tende, assim, a ser esvaziado de sua dimensão de risco e negatividade, transformando-se em um campo de confirmação narcísica e eficiência relacional, tal como aponta Han (2017) ao diagnosticar a agonia do eros nas sociedades contemporâneas.

*Amores Materialistas* dialoga diretamente com esse diagnóstico ao encenar personagens que internalizam a racionalidade algorítmica e a reproduzem em suas relações. A figura da casamenteira, o ideal do “unicórnio” e a centralidade de atributos materiais e simbólicos na escolha dos parceiros funcionam como metáforas narrativas das promessas e limites dos aplicativos de relacionamento. Ao mesmo tempo, a narrativa cinematográfica expõe as fissuras desse regime de mediação afetiva. Situações que escapam ao cálculo revelam a insuficiência da lógica da eficiência para dar conta da complexidade dos afetos. Nesse ponto, *Amores Materialistas* converge com as reflexões de bell hooks (2021), para quem o amor não pode ser reduzido a uma escolha correta ou a uma transação bem-sucedida, mas deve ser compreendido como prática contínua, que exige tempo, cuidado, responsabilidade e compromisso mútuo. Não há algoritmo capaz de antecipar ou garantir esse processo, assim como não há afeto possível quando os sujeitos permanecem presos à necessidade de performar versões idealizadas de si mesmos para serem escolhidos. A comparação entre o filme e os aplicativos permite, portanto, compreender o amor contemporâneo como um campo de forças marcado por tensões entre captura e abertura, controle e exposição, consumo e experiência.

As reflexões finais deste artigo apontam menos para a recusa das tecnologias de mediação do amor e mais para a necessidade de problematizar as formas de subjetivação que elas produzem. Retomar o eros como experiência que implica risco, negatividade e imprevisibilidade, como propõe Han (2017), e compreender o amor como prática ética e relacional, como sugere bell hooks (2021), tornam-se movimentos fundamentais para imaginar outros modos de amar no interior da própria contemporaneidade. Tal horizonte encontra ressonância na formulação poética de Manoel de Barros (2010, p. 109), que parece sintetizar a crítica desenvolvida ao longo deste estudo: “Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. Em um contexto em que o amor é frequentemente avaliado por métricas e atributos acumuláveis, a recuperação do encantamento como



medida recoloca o afeto para além da lógica do consumo, reafirmando-o como experiência sensível, ética e potente.

---

## Referências

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

**AMORES MATERIALISTAS** (Materialists). Celine Song (Dir.). Estados Unidos: A24, 2025. Filme (longa-metragem).

AUGUSTO JUNIOR, Silvio Nunes; TRINDADE, Eneus. Análise sobre a mediação e a midiaticização do aplicativo Tinder. **Revista Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 175-183, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BURSTRÖM, Thommie; LAHTI, Tom; PARIDA, Vinit; WARTIOVAARA, Markus; WINCENT, Joakim. A definition, review, and extension of global ecosystems theory: trends, architecture and orchestration of global VCs and mechanisms behind unicorns. **Journal of Business Research**, n. 157, p. 1-15, 2023.

DE ANDRADE, Eliane Righi; SILVA, Tarcisio Torres. Excesso e positividade na constituição do sujeito: uma reflexão sobre aplicativos de relacionamento. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 141-161, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. 2a.ed., São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOMES BARBOSA, Karina. Amar se aprende amando: o cinema de Hollywood e as representações amorosas. **Travessias**, v. 3, n. 1, 2009.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1993.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.



ILLOUZ, Eva. **Consuming the romantic utopia**: love and the cultural contradictions of capitalism. Berkeley: University of California Press, 2007.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOPES JUNIOR, Claudinei. **Sob as luzes da interseccionalidade**: um estudo sobre a produção de sentido na construção das representações das protagonistas da série *Coisa Mais Linda*. 2023. 348 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

LOPES SILVA, Anderson. **O excesso como simbiose entre melodrama, carnavalização e fantástico**: análise das produções de sentido na minissérie *Amor-teamo*. 382 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MASSUMI, Brian. The autonomy of affect. **Cultural Critique**, n. 31, p. 83–109, 1995.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 309-333, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: manual prático, p. 343-364. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARRALHEIRO, Vinicius Alves. **Existe amor em app?** Percepções sobre a sexualidade, a prevenção e a comunicação do HIV e da aids entre usuários de aplicativos de relacionamento. 2020. Dissertação (Mestrado) em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

VALLARETO NERY, Mariana. Tecnologias, Algoritmos e Afetos nos relacionamentos digitais: uma análise das tecnicidades na construção de vínculos afetivos via Tinder. **Anais do Interprogramas Secomunica**, v. 9, p. 242-257, 2025.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.